

LEANDRO MAZZINI COLUNA ESPLANADA



VOOS DA FAB

VALTER CAMPANATO / AGÊNCIA BRASIL



■ Insatisfeitos com o tímido decreto do presidente Jair Bolsonaro que alterou as regras sobre o transporte aéreo de autoridades em aeronaves do Comando da Aeronáutica, senadores vão retomar a discussão do projeto (PLS 592/2015) da Casa que aumenta as exigências de divulgação das informações dos voos oficiais. A proposta está pronta para votação na Comissão de Relações Exteriores (CRE) e, entre outros pontos, determina que o governo encaminhe relatórios periódicos sobre os voos ao Tribunal de Contas da União (TCU).

Finalidade

■ Pelo projeto, que se arrasta há cinco anos no Senado, também terão que ser divulgados pelo Comando da Aeronáutica dados detalhados sobre a finalidade, os passageiros (autoridades e acompanhantes), tripulação dos voos e permanência prevista em cada localidade.

Aliança...

■ Em meio às incertezas sobre o Aliança pelo Brasil - partido que o presidente Bolsonaro tenta criar - legendas de direita intensificam o assédio sobre políticos "puxadores de votos" do PSL. Caso o Aliança não consiga o registro, a tendência é liberar os pré-candidatos para se filiarem aos partidos alinhados como Podemos, Republicanos, Patriota, PL.

...balança

■ Após o racha do PSL, políticos recorreram à Justiça Eleitoral alegando "justa causa" e "perseguição política" para deixarem o partido e não perderem mandatos. Os processos estão na fase de alegações finais e devem ser concluídos nos próximos dias.

Máscara\$

■ Efeito do coronavírus na ganância dos comerciantes: as caixas de máscaras cirúrgicas eram vendidas a R\$ 5, no final do ano, e passaram a ser comercializadas a R\$ 160 em março, pelos fabricantes e distribuidores. A revelação é do ex-ministro da Saúde e hoje deputado federal Alexandre Padilha (PT-SP).

Mão do Estado

■ Ele enviou, por meio da Comissão Externa do Coronavírus, requerimento para que o Ministério da Saúde, Anvisa e Ministério da Economia intervenham no aumento abusivo dos insumos necessários para o enfrentamento da doença.

Mulheres

■ A participação das mulheres na política ao redor do mundo vem crescendo, mas ainda em marcha lenta. Elas ocupam 24% das vagas parlamentares, 8% dos cargos de chefes de Estado e 6,2% dos de chefes de go-

verno. Entre os ministros de Estado, 20% são mulheres, e elas comandam 26% dos governos locais.

Cadeiras

■ De acordo com dados da ONU, na América Latina e no Caribe estão os maiores índices de mulheres no parlamento. No Brasil, no entanto, elas ocupam apenas 15% das cadeiras, enquanto na Bolívia são 53% do parlamento e no México, 48%.

MERCADO

Foi pra Justiça

■ A Federação Nacional do Fisco Estadual e Distrital ajuizou no STF uma Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental na qual pede que a Corte reconheça a inconstitucionalidade de sistema tributário. Segundo a entidade, atos dos Poderes Executivo e Legislativo transformaram o sistema em "promotor da desigualdade social, ao privilegiar os mais ricos em detrimento dos mais pobres por meio da tributação".

Tributária urgente

■ Um pequeno empresário de Brasília, desenquadrado do Simples por não conseguir arcar com os pagamentos diante da alta carga, passou a pagar 17% de tributos. De R\$ 210 mil que vai receber de um cliente, serão descontados, no pagamento, mais de R\$ 35 mil.

Cesta Básica

■ O custo da cesta básica subiu em fevereiro em dez das 17 capitais pesquisadas pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). As altas mais expressivas ocorreram em cidades do Nordeste e do Norte: Fortaleza (6,83%), Recife (6,15%), Salvador (5,05%), Natal (4,27%) e Belém (4,18%).

Mais em conta

■ As principais quedas foram registradas em capitais do Centro-Sul: Campo Grande (-2,75%), Vitória (-2,47%), Porto Alegre (-2,02%) e Goiânia (-1,42%). A cesta mais cara foi a de São Paulo (R\$ 519,76), seguida pelo Rio de Janeiro (R\$ 505,55) e por Florianópolis (R\$ 493,15).

ESPLANADEIRA

■ O escritório **Andrade Silva Advogados** promoverá, na terça-feira, palestra sobre o impacto da Reforma Trabalhista no cenário empresarial em 2020.

■ Pela primeira vez a sede brasileira da multinacional alemã Fresenius Medical Care terá uma mulher como diretora médica da companhia. Será a nefrologista **Ana Beatriz Barra**.

Publicada diariamente em 51 jornais de 25 estados, em capitais e interior
Com Equipe DF, SP e PE / reportagem@colunaesplanada.com.br. Twitter
@colunaesplanada / Facebook : Coluna Esplanada. Leia mais em odia.com.br

A partir do 9 de março esta coluna passará a ser publicada de segunda a sexta-feira neste mesmo espaço

OPINIÃO

CRÔNICAS E ARTIGOS

Um longo soluço



Gabriel Chalita
professor e escritor

Não sei, exatamente, a causa, embora tenha pesquisado com vagar. Li o que pude. Perguntei para pessoas que, prontamente, deram todo tipo de orientação. E fui seguindo uma a uma. Sem pestanejar.

Um longo soluço era algo que eu nunca tinha experimentado. Começou sem que eu percebesse. Era o meio de um dia confuso. Mas eu estava bem. E comecei a soluçar. Tomei água. E nada. Tomei água, vagarosamente. E nada. Tomei água ao contrário, como disseram. E, por alguns instantes, achei que havia ficado livre dessa angústia sufocante. Depois, voltou. Levei alguns sustos de amigos com boa vontade. E nada.

Enquanto isso, ia pesquisando outros caminhos e, enquanto pesquisava, ia me assustando com o que via. Pessoas agredindo outras em uma saída de hotel. Com palavras de insensatez. E outras atingindo em tom ameaçador. E incentivando os ataques. O momento é de susto. O aumento de estupros de vulneráveis torna vulnerável a raça humana. Como não conseguimos abrir as inteligências para compreender e resolver as violências?

As mentiras programadas na divulgação de novas doenças. E a dança das bolsas de valores. Quem são os que ganham com as desgraças? Não sou entendido de muita coisa, mas gosto de cheirar as impressões. Fico impressionado com os lucros dos bancos. Em qualquer tempo. De vírus ou de festa. De crise ou de alegria.

É difícil até de comer com o soluço. Ligo para um médico amigo de um amigo. Diz coisas que me acalmam. Vai passar. Olho para os tempos que vivemos e tento dizer o mesmo. Vejo um médico visitando, numa cadeira, quem nunca recebe visita. E fico emocionado. Quero, também, abraçar os que ninguém abraça. Mas o soluço me impede muitos pensamentos.

Durmo com o soluço. De repente, silêncio. Acordo, depois de um pesadelo, e volto a soluçar. Na escola do meu sobrinho, um aluno filmou a professora e lançou ameaças. Nada de defender as mulheres. É contra a família esse tal de



ARTE PAULO MÁRCIO

feminismo. A professora fica atônita. Reage nada. E olha para algum lugar tentando entender o que não tem entendimento. Dois jovens são agredidos porque se olhavam na calçada. Pesadelo. Nas ruas, alguns dormem, enquanto outros dizem o que ninguém deveria dizer. Falam em limpeza como se gente se assemelhasse a lixo.

Prendo a respiração na madrugada. Tenho medo de morrer. O soluço vai embora e volta. Muitos são os que morrem prematuramente. Jovens de um bairro que fica longe morrem mais cedo do que os jovens de onde há proteção. E aí vem a chuva. E alguns choram o que perderam. E outros dizem o que não deveria ser dito por alguém que tem o poder de fazer o que não foi feito.

O soluço pode vir de alguma contração do diafragma ou pode ser do esôfago ou do estômago. Fui ouvindo o médico. Que me lascou alguns remédios. E que me garantiu que passaria.

Que remédio tem para o país em que vivo? O que está acontecendo com os que, a plenos pulmões, soluçam impropriamente? E falam em fim da democracia. E gritam pela morte dos que incomodam. E unham os dias como que arranhando um tempo da nossa história.

O tempo estava certo. Hoje, acordei sem o tal soluço. Parece história inventada, mas não é. Foram três dias de soluços com uma ou outra pausa. E um cansaço tomou conta de mim. Tenho medo de que as pessoas do meu país se cansem de

acreditar. Que se acostumem com os que mentem, com os que desfilam preconceitos, com os que desrespeitam as pessoas.

Fiquei pensando no médico bom que foi à prisão. Fiquei sonhando que outros fizessem o mesmo. Que deixassem de agredir para acolher. Que deixassem de iludir para proclamar o que nos pacifica. Saudade dos líderes que falavam em paz. Só ouço vozes querendo morte, querendo vingança, querendo guerra.

Durante o soluço, fiquei pensando no tempo em que estava bem. Só valorizamos a saúde, quando a doença nos incomoda. Estamos ou não incomodados com esses tempos? Se não estivermos, é porque algo nos foi receitado. E acreditamos. Ou, talvez, porque ao tomarmos água de cabeça para baixo tenhamos perdido a capacidade de ver. Ou, então, nos fechamos com medo da rua. Da rua onde moram os passos que precisamos dar para chegar onde precisamos chegar. Acompanhados.

O mal que se faz a um se faz a humanidade inteira, foi o que disse algum filósofo. Eu ainda acredito na bondade. Mesmo com tudo o que vejo. Mesmo nos dias em que o soluço tomava todo o meu tempo, eu sonhava com o respirar tranquilo de um mundo mais irmão.

É domingo e estou ouvindo Beethoven. E há algumas presas que ninguém visita. Como o soluço já passou, eu vou fazer a minha parte. Mesmo que parte dos meus irmãos ainda estejam adormecidos.

Sobre mulheres, feministas e flores

#partida

coletivo feminista

Durante muito tempo, o Dia Internacional da Mulher, comemorado em 8 de março, foi tratado aqui no Brasil como um momento em que era preciso tomar uma única providência: dar flores para as homenageadas. E é difícil precisar exatamente quando é que foi ficando evidente que aquilo já não seria suficiente, que o prêmio de consolação já não nos consolava. Porque queríamos mais do que ganhar flores: queríamos ser nós mesmas a coisa viva capaz de florescer.

Não tem sido fácil. Devemos lembrar, por exemplo, que este é um país onde os direitos reprodutivos das mulheres são desprezados e atacados, enquanto se naturalizaram práticas de abandono paterno em massa. E onde o trabalho doméstico quase nunca é dividido de forma equilibrada. Assim, tantas vezes encolhidas no espaço doméstico e nos exaurindo por cuidar sozinhas de filhos e avós, como é que ainda pode nos sobrar tempo para co-

locarmos a cara para fora?

Empurradas assim para os trabalhos mais precarizados, como reconhecer nossas afinidades e nos unir em alguma luta comum? E sendo negras e pobres, ainda mais, que chances temos tido de levantar a voz para sermos de fato ouvidas e reconhecidas?

Da mesma forma, o Brasil permanece um dos países do mundo com maiores índices de violência contra mulheres, e não por acaso também um país com uma das mais baixas taxas de representação das mulheres na política. E mesmo quando enfim alguma de nós chega aos espaços de poder, sabemos bem que há sempre todo um arsenal de palavras e ações para nos sabotar e intimidar. Porque somos muito jovens ou muito velhas, porque somos gordas ou meros rostinhos bonitos. Porque somos burras ou mandonas, histéricas ou vagabundas.

Sabemos que há sempre um ataque covarde pronto para se dirigir contra nós, sempre mentira bizarra que é fácil demais de ser espalhada. Porque temos tido chão fértil para isso, afinal: vem de

cima o exemplo de que mulheres devem servir só como adornos ou sombras de seus maridos, e mesmo quando entram para política não podem passar de fantoches nas mãos de padrinhos e patrões.

Tantas vezes acuadas e com medo, então, e tantas vezes impedidas de ver dois passos além, como podemos erguer nossas vozes e fazê-las ecoar no espaço público? Como fazer isso sem sermos paralisadas pela lembrança de que podemos levar tiros no rosto exatamente quando mais ousamos nos mostrar? Como fazer isso quando há milícias e robôs de todo tipo perseguindo e caluniando quem ainda projeta a própria voz como uma faísca capaz de acender o desejo e a esperança em tantas de nós? Como continuar lutando contra toda forma de exílio que tem nos mantido ainda distantes demais da vida pública?

E como não continuar? E como desistir, se justamente cuidar da vida e do amor tem sido uma marca tão central em nossa experiência histórica sobre a terra, e nossa prática tão diária tão potente? Sem chance. Pois é isto, e que seja então assim: vamos seguir em frente.

O DIA DISQUE REDAÇÃO: 2222-8069 E 98921-1888

ASSINATURA E CENTRAL DE ATENDIMENTO AO LEITOR: 2222-8600

PRESIDENTE
Luiz Alberto Albuquerque

DIRETORA DE REDAÇÃO
Carla Alves

EDITOR-CHEFE
Alexandre Medeiros

DEPARTAMENTOS:
Agência O DIA: E-mail: agencia@odia.com.br. Venda de fotos e textos: 2222-8021, 2222-8560 e 2222-8265
Fax Diretoria: 2507-1038

Parque Gráfico: 3891-6000. Av. Dom Hélder Câmara, 164 - Benfca
Gerência Industrial: 3891-6002 **Gerência de Circulação e Logística:** 3891-6005

Preço de venda em banca: RJ, MG, SP e ES: R\$ 1,50 (dias úteis) e R\$ 3 (domingos). Distrito Federal: R\$ 3,60 (dias úteis) R\$ 4,40 (domingos). Demais estados: R\$ 4,20 (dias úteis) R\$ 5,10 (domingos)

Exemplares atrasados: Capital: Preço de capa - Demais localidades: preço de capa + postagem. Mais informações: Tels: (21) 2222-8086/2222-8136 - Central de Promoções - Av. Dom Hélder Câmara 164 Benfca, (Parque Gráfico O DIA) - das 9h às 17h.

São Paulo: Avenida Irai 300 - Sala 306 - Indianópolis. CEP: 04082-000. Tels: 11 94704-2393 / 11 99623-7645 / 11 99973-8313

Brasília: Tel: (61) 9812-2227.

Promoções: promocoes@odia.com.br
Classificados: 2532-5000 - De 2ª a 5ª das 9 às 18h e 6ª das 9

às 19h. Todos os cadernos de classificados somente circulam na cidade do Rio e no Grande Rio.

Anúncios de Noticiário: 2222-8338 / 2222-8631 / 2222-8388. Anúncios para o Interior: 2222-8279 - Negociações com agência: 2222-8388 Outros estados: 2222-8279 - De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Atendimento ao jornalista: 3891-6012 - De 2ª a 6ª, das 8h às 12h30 e das 13h30 às 17h.

Editora O DIA LTDA. Rua dos Inválidos 198, 2º andar, Lapa - CEP: 20.231-048 - Rio de Janeiro - RJ.

O DIA é filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC).